



PERDIGÕES
COMPLEXO ARQUEOLÓGICO

PERDIGÕES MONOGRÁFICA | 01

PROGRAMA GLOBAL DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS PERDIGÕES

01 OS PERDIGÕES NEOLÍTICOS.

GÉNESE E DESENVOLVIMENTO

(De meados do 4º aos inícios do 3º milénio ac).

Editado por

António Carlos Valera

NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA





PROGRAMA GLOBAL DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS PERDIGÕES (INARP)

PERDIGÕES MONOGRÁFICA

1

**OS PERDIGÕES NEOLÍTICOS.
GÉNESE E DESENVOLVIMENTO (DE MEADOS DO 4º
AOS INÍCIOS DO 3º MILÉNIO AC).**

Editor:
ANTÓNIO CARLOS VALERA

2018

Colecção PERDIGÕES MONOGRÁFICA

Volume 1

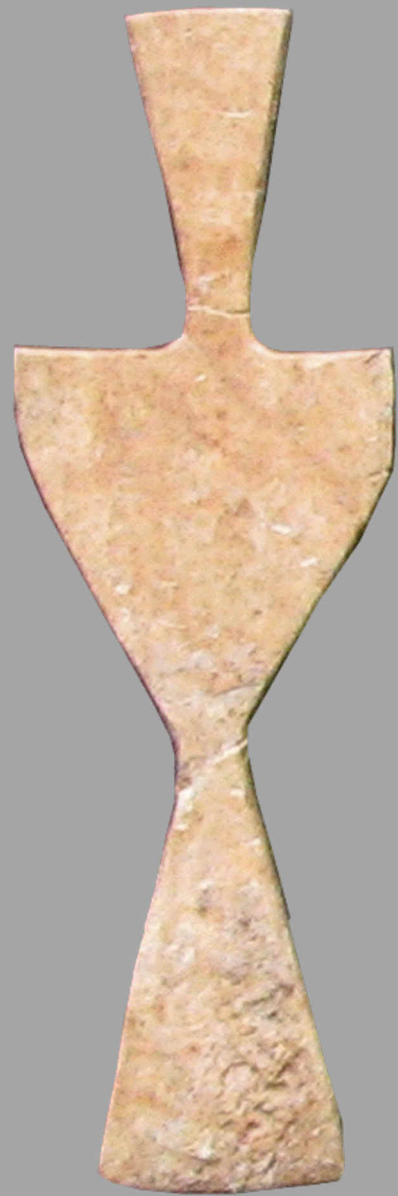
Edição: NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA (NIA)
ERA ARQUEOLOGIA S.A.

ISBN: 978-989-98082-2-5

Local e data de edição: Lisboa, 2018.

Trabalho parcialmente realizado no contexto do projecto PTDC/EPH_ARQ/0798/2014 financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, sendo instituições participantes a Era Arqueologia, ICArEB (Univ. Algarve) e Laboratório Hércules (Univ. Évora).

Colaboram neste volume: Ana Catarina Basílio, Ana Maria Silva, António Carlos Valera, Cláudia Costa, Inês Leandro, Lino André, Lucy Shaw Evangelista, Nelson Cabaço, Patrícia Castanheira, Ricardo Godinho.



Índice

Prefácio	11
1 Introdução.....	13
2 Espaço prévio. a arquitectura começa com a escolha do lugar.....	15
3 Temporalidades e espacialidades durante o Neolítico nos Perdigos	23
4 Estruturas negativas, estratigrafias e processos de enchimento	39
4.1 A Fase 1 do Neolítico dos Perdigos	39
4.1.1 Os fossos.....	39
4.1.2 As Fossas e Buraco de Poste	48
4.2 A Fase 2 do Neolítico dos Perdigos: Neolítico Final	52
4.2.1 Os Fossos	52
4.2.2 As Fossas	69
4.2.3 As duas estruturas de tipo hipogeu	72
4.3 Depósitos externos, taludes e erosões	80
5 Os materiais: abordagem tipológica.....	83
5.1 Os recipientes cerâmicos (A.C. Valera)	83
5.1.1 O conjunto de recipientes cerâmicos da Fase 1.....	83
5.1.2 O conjunto de recipientes cerâmicos da Fase 2.....	88
5.2 “Cachimbos” e colheres” (A.C. Valera).....	106
5.3 Os elementos de tecelagem, discos em cerâmica (A.C. Valera)	107
5.4 Instrumentos musicais (?) (A.C. Valera)	108
5.5 Pedra talhada, pedra polida e moagem (A.C. Valera).....	110
5.5.1 Pedra Talhada.....	110
5.5.1.1 Fase 1.....	111
5.5.1.2 Fase 2.....	117
5.5.2 Pedra Polida	125
5.5.3 Utensílios de moagem.....	126
5.5.4 Outros.....	126
5.6 Elementos de adorno e mágico- religiosos (A.C. Basílio)	127
5.6.1 Conjunto, contextos e cronologias.....	127
5.6.2 Elementos de adorno	129

5.6.3	Artefactos ideotécnicos.....	131
5.6.3.1	“Ídolos” (Almerienses e de Cornos)	132
5.6.3.2	Placas de Xisto, lajes e ídolo placa	134
5.6.3.3	Pigmentos vermelhos: Ocre	141
5.6.3.4	Cerâmica simbólica.....	141
5.6.4	Contextos e representatividades	143
5.7	Utensilagem em osso (P. Castanheira, N. Cabaço)	146
5.7.1	Crítérios de análise dos artefactos	146
5.7.2	Artefactos sobre osso: resultados da análise.....	148
5.7.3	Dados em contexto	149
5.7.4	Algumas leituras possíveis.....	151
6	Contextos funerários e manipulação de restos humanos	155
6.1	Os contextos funerários das Fossas 7 e 11.....	155
6.2	Restos humanos em fossos e fossas.	160
6.3	Breve nota sobre os contextos funerários e de manipulação de restos humanos durante a fase neolítica nos Perdigões.....	162
7	Perdigões neolíticos: os vertebrados.....	163
7.1	Introdução	163
7.2	Materiais e Métodos	163
7.3	Resultados	164
7.3.1	Peixes e anfíbios	164
7.3.2	Répteis.....	165
7.3.3	Aves	165
7.3.4	Mamíferos	168
7.3.4.1	Perfis de mortalidade de suínos e caprinos domésticos.....	173
7.4	Tafonomia	176
7.5	Considerações finais.....	178
8	As faunas malacológicas	191
9	Os Perdigões neolíticos: notas para um modelo do processo histórico do 4º milénio ac (antecipando o 3º) no Sul de Portugal.	195
9.1	Breve resenha da evolução interna dos Perdigões neolíticos	195
9.2	Os Perdigões e a ocupação do vale da Ribeira de Vale do Álamo durante o Neolítico Médio / Final.....	198
9.3	A questão agrícola, as componentes cinegética e pastoril, a variável subsistência e a sua coerência	201
9.4	Interacção: no do plano material e do imaterial.....	209
9.5	Recintos, para que vos quero? O “Takeoff” e o “ideológico em interacção”.	213

9.6	Perdigões, um projecto de sucesso.....	219
10	Referências Bibliográficas (organizadas por capítulos).....	223

6 CONTEXTOS FUNERÁRIOS E MANIPULAÇÃO DE RESTOS HUMANOS

A.C. Valera; A.M. Silva; I. Leandro; R.M. Godinho; L.S. Evangelista

Os contextos funerários até ao momento conhecidos nos Perdighões relativos à fase neolítica resumem-se ainda a apenas duas fossas (Fossas 7 e 11), já objecto de várias publicações (Valera 2008; Godinho 2008; Valera, Godinho 2009; Valera *et al.* 2014, Silva *et al.* 2015), a que se somam alguns restos humanos desarticulados depositados no interior de fossos (5, 8 e 13c) e fossas (62), e que não se enquadram dentro do mesmo registo de práticas funerárias. Todos os contextos se localizam no interior de recintos (Figura 6.1).

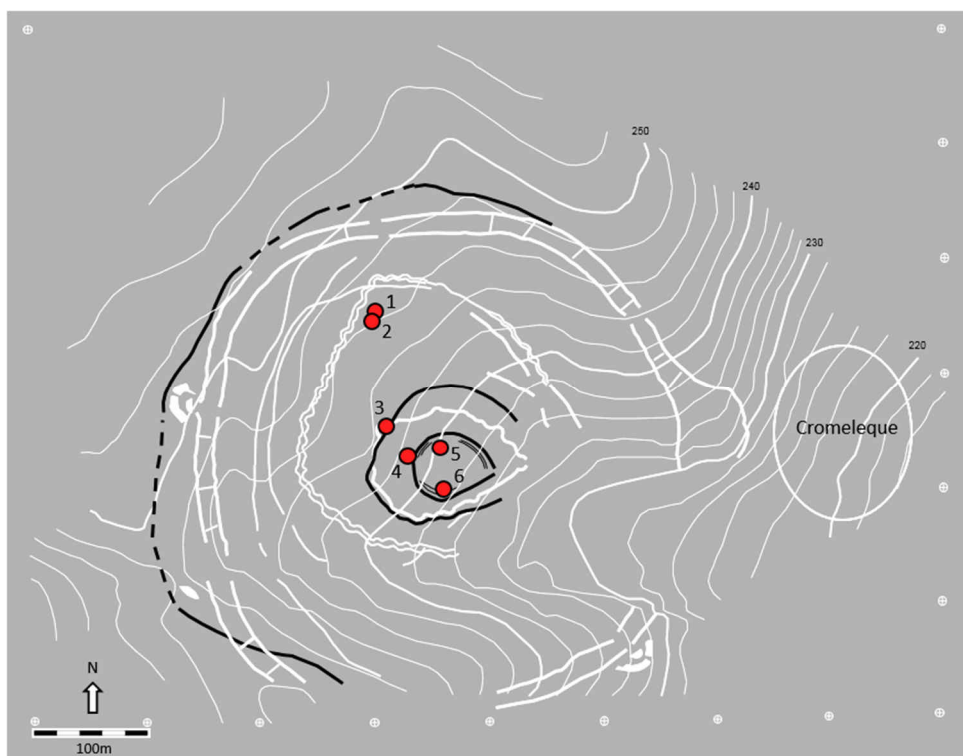


Figura 6.1 – Localização dos contextos funerários e contextos com restos humanos dispersos para a fase neolítica dos Perdighões (fossos neolíticos realçados a preto). 1 – Fossa 7; 2 – Fossa 11; 3 – Fosso 8; 4 – Fossa 62; 5 – Fosso 13c; 6 – Fosso 5. Os fossos neolíticos estão destacados a preto.

6.1 OS CONTEXTOS FUNERÁRIOS DAS FOSSAS 7 E 11

As Fossa 7 e 11 localizam-se no Sector I, numa área intermédia dos recintos, sensivelmente equidistantes dos fossos do Neolítico Final 8 e 11. As datações de radiocarbono obtidas (ver Capítulo 3) colocam estas deposições funerárias num momento contemporâneo do

enchimento dos fossos do Neolítico Final, nomeadamente do Fosso 11 (o mais exterior), pelo que devem ser consideradas como tendo sido realizadas no interior do espaço delimitado por aquele fosso. Encontram-se rodeadas e afectadas por várias fossas calcolíticas e na proximidade do Fosso 4, igualmente calcolítico (Figura 6.2). Na sequência estratigráfica observada pelos vários cortes efectuados pelas fossas, verifica-se que estas duas são as mais antigas e que, entre ambas, a Fossa 11 é mais recente, cortando parte da Fossa 7, o que é também sugerido pelas datações de radiocarbono.

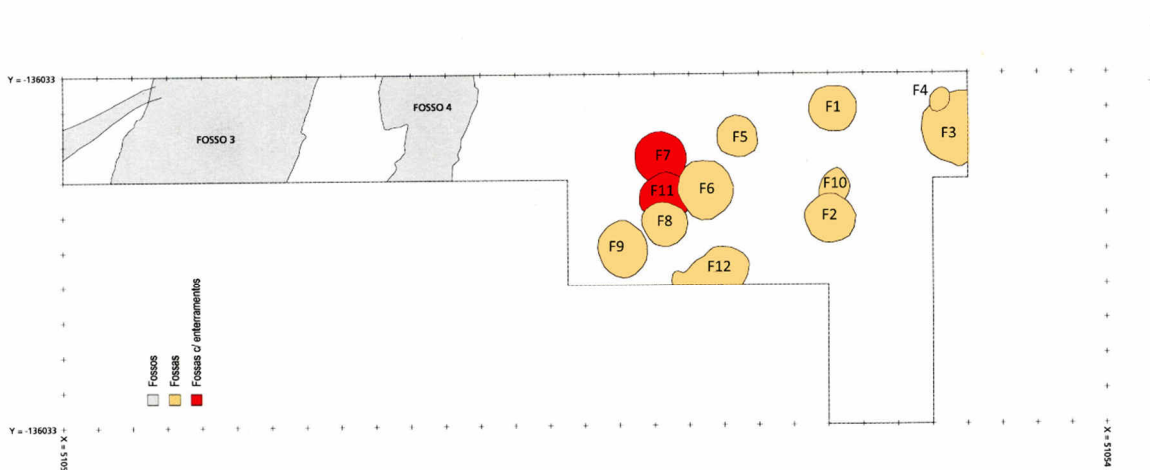


Figura 6.2 – Área intervencionada no Sector I, com localização das fossas 7 e 11.

A Fossa 7 apresenta uma planta subcircular e um perfil subtrapezoidal, tendo 1,42m de diâmetro na boca, 2,02m de diâmetro na base, 0,66m de profundidade e um volume de 1,46m³. O enchimento da base desta fossa era constituído por areão de geológico local, sugerindo um eventual abatimento de parte da estrutura prévio à deposição dos restos humanos. Estes apareciam depositados nos sedimentos que preenchiam uma depressão realizada naquele depósito inicial e noutros que lhe eram sobrejacentes. Foram registados elementos de dois membros inferiores, um esquerdo [104] e outro direito [114], que retinham ainda conexões anatómicas parciais (nomeadamente um pé sob uma parte de geológico caído da parede da fossa) que pertenciam a um indivíduo adulto do sexo feminino com uma altura estimada em 157.3cm ± 4.75cm. Foram ainda recuperadas falanges de mão de não adulto e vários fragmentos de crânio de adulto, o que no total perfaz um NMI de 2 (Figura 6.3: 1). O carácter disperso de vários destes ossos e a reduzida preservação das conexões (ainda que entre os ossos das pernas existisse uma distribuição com proximidade anatómica), indicia uma situação de revolvimento de disposições primárias.

Tal situação de perturbação é consistente com o facto de, logo acima dos sedimentos com os restos humanos, os depósitos revelarem uma cronologia calcolítica, documentando uma reabertura desta estrutura, provavelmente responsável pela perturbação/remoção dos restos humanos neolíticos em falta. Associados aos restos humanos apenas se recolheram ossos de uma pata de suídeo (Figura 6.3: 2), numa situação semelhante ao que se observaria igualmente na Fossa 11 (Moreno-Garcia, Cabaço, 2009). Estes ossos, a pesar de não estarem em conexão anatómica, estavam todos concentrados num pequeno espaço junto às conexões anatómicas parciais humanas.



Figura 6.3 – Fossa 7. 1 – Aspecto dos restos ósseos humanos; 2 – Parte de pata de suíno associada; 3 – Vista da parte da parede da fossa que abateu; 4 – Pé em conexão parcial sob o abatimento.

A Fossa 11 apresentava-se bastante afectada por fossas posteriores calcolíticas e pelo arado da surriba de 1996, preservando-se talvez em cerca de metade da sua área (Figura 6.4: 1). Tal circunstância impediu a obtenção das suas medidas em termos de diâmetro e volume, apenas fornecendo a profundidade: 0,32cm. A base da fossa era preenchida por um depósito argiloso vermelho alaranjado, muito homogéneo e compacto, sem materiais arqueológicos, o qual se configura como uma preparação para a deposição de pelo menos três indivíduos [76; 77; 78], cujos esqueletos se encontravam incompletos por razões distintas.

O indivíduo [76] era o mais incompleto, pois a maioria do seu esqueleto estaria da área cortada da fossa. Dele restou o crânio, algumas vértebras, costelas e uma mão, fragmentos das escápulas, clavículas e de ambos os úmeros. Encontrar-se-ia depositado sobre o lado direito, com o crânio orientado para Sudoeste e teria entre 16 a 17 anos à morte (Silva *et al.*, 2015).



Figura 6.4 – Fossa 11. 1 – Aspecto dos restos humanos, vendo-se a base do rasgo de arado e, abaixo os sedimento de uma fossa calcolítica que cortou a Fossa 11; 2 – Aspecto da deposição da pata de suídeo (foto da pata remontada: José Paulo Ruas, in Moreno-Garcia, Cabaço, 2009).

O indivíduo [77], apresentava-se depositado sobre o lado direito, com cabeça orientada a Norte, faltando-lhe a totalidade do braço esquerdo e a parte distal do direito e tendo as pernas cortadas, preservando-se apenas as partes proximais dos fémures. Estas estavam, contudo, dobradas sobre o abdómen, revelando que a obliteração não se ficou a dever nem à obliteração de parte desta fossa por uma outra calcolítica, nem à vala da surriba, correspondendo a um seccionamento efectuado em momento anterior. Por outro lado, a dobra dos fémures sobre o abdómen mantendo a conexão com os coxais indicia uma manipulação do corpo ainda com tecidos moles (mas que dificilmente poderia ter sido feita com o corpo ainda não decomposto), o que implicaria que esta fossa teria estado tapada e em oco, mantendo-se acessível durante algum tempo. Tal significa que existe a possibilidade de estes indivíduos terem sido depositados com algum deferimento temporal entre eles, e que a fossa funcionaria como um efectivo

sepulcro. Outra hipótese seria o indivíduo estar amarrado ou dentro de algum tipo de contentor. Este indivíduo teria à morte a idade de aproximadamente 12 anos (Silva *et al.*, 2015).

Finalmente, o indivíduo [78] estava também incompleto, faltando-lhe a mão direita e a quase totalidade das pernas, em resultado do corte da fossa durante o Calcolítico (não o da surriba). Encontrava-se depositado sobre o lado esquerdo, com cabeça orientada a Norte, e teria aproximadamente 5 anos de idade à morte.

As análises de ADN realizadas nos três esqueletos revelaram que dois correspondem a um indivíduo feminino (P77) e a um masculino (P78), pertencentes aos haplogrupos U5 e J2, respectivamente, não revelando relações matrilineares entre si. Os resultados do terceiro indivíduo (P76) são inconclusivos.

Para além dos restos osteológicos humanos apenas se registou uma pata de suídeo, depositada junto à parede da fossa por trás dos coxais do indivíduo [78] (Figura 6.4: 2), e uma concha de berbigão perfurada junto ao indivíduo [77]. Estamos, pois, perante dois contextos com deposições primárias múltiplas (num mínimo de dois na Fossa 7 e de três na Fossa 11) que revelam um ritual aparentado, pelo menos no que respeita à associação dos restos humanos a patas de suídeo e na ausência de outros materiais arqueológicos (para além do pendente de concha). A sua cronologia foi, assim, estabelecida por datações de radiocarbono, com resultados que parcialmente se sobrepõem.

Contudo, o facto de a Fossa 11 cortar a Fossa 7 indica a posterioridade da primeira e permite modelar as duas datas obtidas, conferindo maior precisão ao período das deposições (Figura 6.5). Desta forma, a datação obtida para a Fossa 7 (Beta-289265), realizada sobre uma falange do pé, coloca aquela deposição com maior probabilidade no último século do 4º milénio AC, enquanto que a datação para a Fossa 11 (Beta-289263), obtida sobre uma falange de mão do indivíduo [76] (talvez o último a ser depositado, pois a mão está sobre o indivíduo [78]), o coloca no primeiro século do 3º milénio AC, ou seja, no final do espectro cronológico do Neolítico Final (ver Capítulo 3).

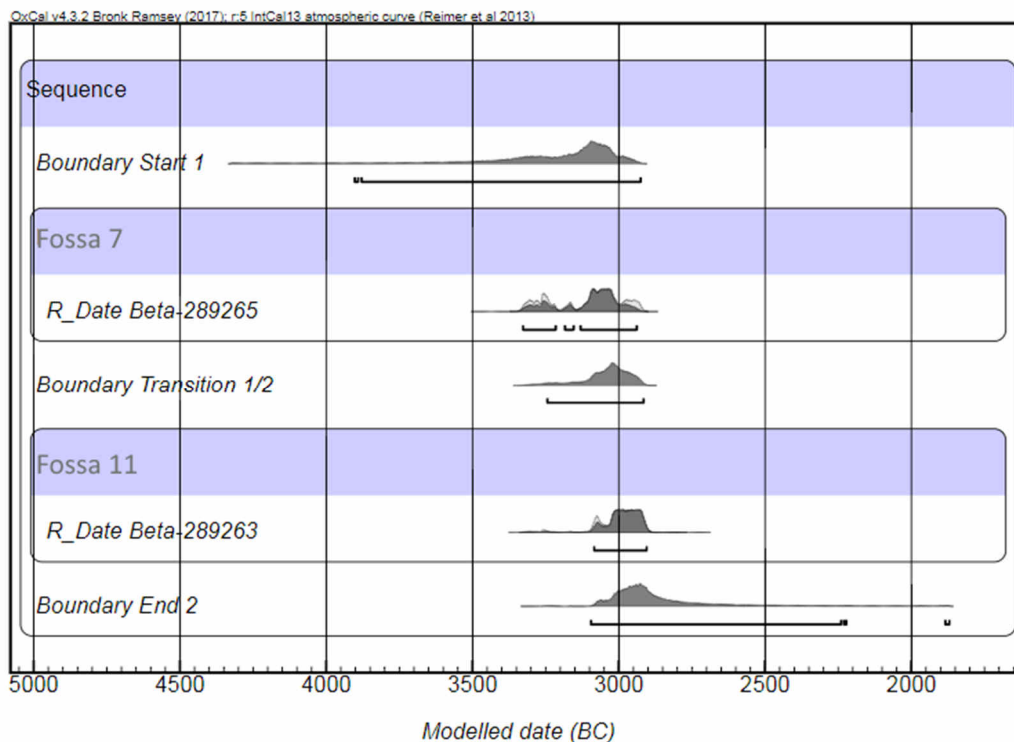


Figura 6.5 – Datas modeladas para as Fossas 7 e 11.

Estes foram os únicos contextos neolíticos a serem identificados no Sector I. Todavia, num dos depósitos superiores do Fosso 4 [UE18], de cronologia calcolítica, foi recolhido um dente de suídeo que proporcionou uma datação do Neolítico Final (Beta-285099 - 4420±40BP – 3320-2920 cal AC a 2σ). Esta situação corresponde a um *outlier* na sequência cronológica do Fosso 4, resultado da introdução de um material antigo nos sedimentos de colmatação do topo do fosso. Poderá, todavia, estar eventualmente relacionada com a violação da Fossa 7 durante o Calcolítico, já que a fossa está a escassos quatro metros da zona do fosso onde se registou o dente de suíno datado.

6.2 RESTOS HUMANOS EM FOSSOS E FOSSAS.

Para além destes dois contextos de natureza funerária, existem ainda situações em que restos humanos desarticulados ocorrem em depósitos de enchimentos de três fossos e de uma fossa.

No Fosso 13c foi registada uma mandíbula de adulto, provavelmente masculino (com base na morfologia do mentum – Ferembach, *et al.* 1980). Esta mandíbula foi intencionalmente fragmentada por flexão (apresentando as características típicas desta fractura) e depositada com uma metade sobre a outra, mas com orientações opostas (Figura 6.6: 1), encontrando-se integrada numa deposição de fragmentos cerâmicos, de fauna mamalógica e pedras pequenas que preenchiam uma depressão alongada e centrada no topo dos enchimentos do fosso.

No Fosso 5 (na sondagem 2 do Sector Q) foram recuperados cinco fragmentos de crânio humano, um quarto metacarpiano direito e um fragmento de clavícula esquerda com a extremidade esternal não fundida, indicando pertencer a um indivíduo com menos de 30 anos. Alguns destes ossos evidenciam sinais de exposição ao fogo, com alteração de cor. A estes, acresce um conjunto de outros fragmentos de diáfises de ossos longos cujo o grau de fragmentação não permite uma atribuição inequívoca, mas que poderão corresponder a restos humanos, alguns dos quais cremados. O NMI é 1.

No Fosso 8 registou-se apenas um dente integrando a dispersão de fragmentos cerâmicas com a qual o preenchimento do fosso foi encerrado. Trata-se de um segundo molar superior direito (FDI17) com o apex encerrado, indicando pertencer a um indivíduo maior que 14,5 anos (AlQahtani *et al.*, 2010).

Por último, na Fossa 62 foi recolhido um outro dente. Trata-se de um primeiro pré-molar superior direito (FDI14), com parte da raiz fragmentada. No entanto, o relativo grau de desgaste (grau 5 – Smith, 1984), sugere tratar-se de um dente pertencente a um indivíduo de idade adulta.

A presença de restos humanos, normalmente desarticulados, em depósitos no interior de estruturas negativas, nomeadamente de fossos, é relativamente comum em toda a Europa e tem vindo igualmente a ser identificada em recintos de fossos peninsulares (Márquez Romero, 2004; Valera, Godinho, 2010; Valera *et al.*, 2014; Rodrigues, 2014; Valera, 2015a; Evangelista, Valera, no prelo). Tal como outros aspectos relacionados com o preenchimento destas estruturas, a presença de restos humanos tem sido discutida tendo por pano de fundo o debate mais amplo relativo à natureza dos recintos de fossos, isto é, o seu desempenho social e o género de práticas que neles são desenvolvidas. No caso dos Perdigões, a manipulação de restos humanos e a sua presença em contextos não funerários, com ou sem algum nível de formalização, encontra-se bem atestados, com particular evidência durante todo o Calcolítico. Os dados disponíveis para o Neolítico indicam, porém, que essas práticas se encontravam presentes desde o início, revelando uma prática transversal à diacronia do sítio.



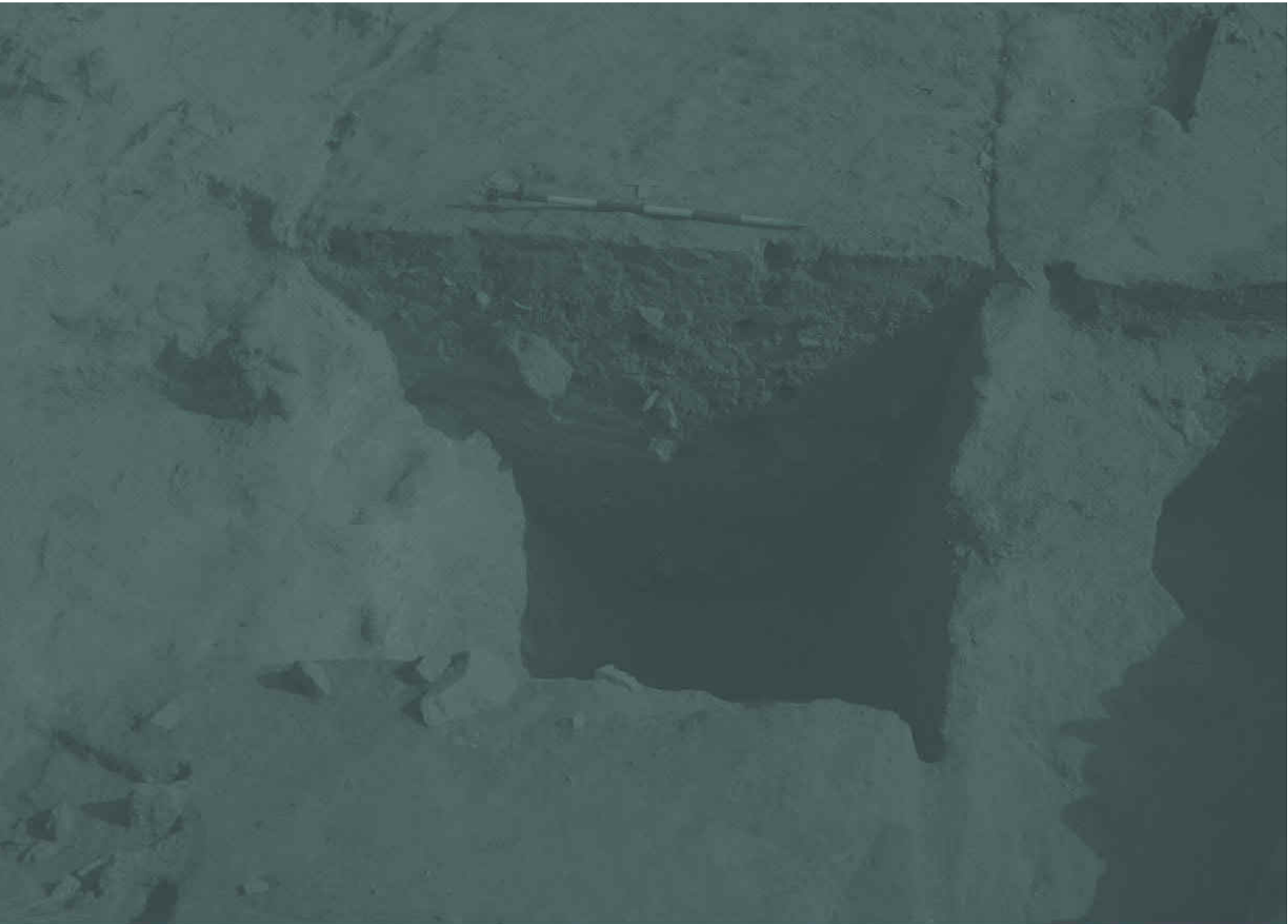
Figura 6.6 – 1 - Mandíbula humana fragmentada por flexão e depositada num *recutting* do Fosso 13c. Foi depositada com um fragmento sobre o outro, mas com orientações opostas. 2 – Fragmentos de restos osteológicos humanos recolhidos numa área relativamente concentrada do Fosso 5 (Sondagem 2 do Sector Q).

6.3 BREVE NOTA SOBRE OS CONTEXTOS FUNERÁRIOS E DE MANIPULAÇÃO DE RESTOS HUMANOS DURANTE A FASE NEOLÍTICA NOS PERDIGÕES.

Tendo sempre em linha de conta que estão escavados apenas cerca de 1,5% da área dos Perdigões, podemos afirmar que os contextos com restos humanos durante a fase neolítica nos Perdigões são ainda escassos, sobretudo quando comparados com as evidências que existem para a fase calcolítica, facto bem evidenciado pelo número mínimo de indivíduos até ao momento contabilizados para ambas as fases: 9 para o Neolítico e 402 para o Calcolítico (diferença que se agravará significativamente com a conclusão do estudo em curso relativo aos cremados da Fossa 40). Apesar da escassez, contudo, os dados já disponíveis revelam que vários dos aspectos que irão caracterizar as práticas funerárias e as manipulações de restos humanos nos Perdigões durante o 3º milénio AC estão já presentes na segunda metade do 4º milénio AC.

A maior diferença para a fase seguinte é a presença inequívoca de deposições primárias na Fossa 11, ainda que se possa sempre questionar se os corpos foram ali depositados inteiros, já que o único indivíduo [77] não afectado pelas obliterações que a estrutura sofreu revelou a remoção dos membros inferiores (se numa fase prévia ou posterior à deposição é difícil de dizer). De facto, ainda não foi reconhecida nos Perdigões durante o Calcolítico qualquer deposição primária integral de um indivíduo, sendo mesmo as conexões anatómicas parciais conhecidas extremamente raras. Sem que tal possa excluir a possibilidade da existência de algumas deposições primárias (posteriormente desarticuladas) nos contextos já intervencionados, o facto é que a sua presença não está demonstrada em um único caso, sugerindo uma intensa prática de manipulação de restos humanos e de deposições secundárias, de que os contextos de cremações das Fossas 40, 16 e ambiente 1, assim como as deposições de restos humanos em contextos não formalmente funerários, são o expoente máximo (Valera *et al.*, 2014).

Esta práticas, contudo, estão já presente no sítio na segunda metade do 4º milénio AC, nomeadamente quer através da deposição restos humanos desarticulados integrando deposições estruturadas em fossos, quer pela presença de alguns restos que evidenciam submissão à acção do fogo (no Fosso 5). Assim, e mesmo sem estarem ainda identificadas estruturas arquitectónicas especificamente funerárias nesta fase inicial dos Perdigões (já que as duas fossas, podendo ter sido construídas especificamente para serem sepulturas, também poderão corresponder a reutilizações para fim funerário), o que se observa é já uma diversidade de situações e práticas que caracterizará o 3º milénio AC, ainda que elevada a outra escala. É mais de continuidade que de ruptura entre as duas fases que estas práticas falam, e nisso estão em linha com muitas outras situações que podemos observar no sítio. Por outras palavras, integram uma trajectória social em desenvolvimento que apenas encontrará um momento de clara alteração nos finais do 3º milénio AC (Valera, 2015b).



NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA